

MORTE SILENCIOSA

“Inimigas no mesmo tecto”

Domingos Tavares Ngungo

(*Mille Tavares*)

2021

CENA 1

MÃE — Poças, não acredito que ainda estão a dormir. Bom dia, meninas. Vocês dormiram bem? Não acham que já deveriam estar acordadas a esta hora? Nas casas dos outros a esta hora já fizeram os trabalhos de casa, mas vocês estão aqui a dormir. Saiam já da cama agora mesmo antes que vos despeje uma jarra de água fria.

ANA — Ah, não! A mãe também chateia, yeah? Essa hora bem cedo quem já fez trabalho em sua casa? Vamos só dormir mais um pouco. Aí fora também está muito frio.

MÃE — A mãe também fuic, fuic...quem põe comida nessa casa? Sua resmungona. Estou a ir trabalhar, espero encontrar tudo em ordem nessa casa, estamos entendidas?

PAULA — Está bem, chefinha, faremos como a senhora mandar, mas agora ainda não.

MÃE — A Paula e a Ana têm a missão de debulhar o milho branco que deixei lá no balde da cozinha e tu, Julieta, cuidas da louça e da arrumação da casa. A propósito, quem vai preparar o almoço hoje?

ANA — É a Jú, mãe.

MÃE — Está bem. Menina Julieta, não brinca com o carvão, não há muito no saco. Assim que terminares de cozinhar, tens de apagar o fogo. Vais preparar a couve-flor que está na bacia verde e acompanhar com a tábua de peixe seco que está lá no saco preto. Ouviste, Paula? ...Paula?...Paula...?! Opa! Ó Ana, onde é que a vossa irmã se meteu dessa vez?

PAULA — Como assim onde é que se meteu se ela estava no quarto dela?

MÃE — Ela nem sequer está aqui, mas a sua cama está bem arrumadinha. Será que ela não dormiu em casa? Lembro-me que fui a última pessoa a ir à cama. Vou lá ver fora de casa ainda. Estranho não ter notado quando ela saiu.

ANA — Eu acho que a Jú deve ter arranjado um namorado e de certeza que é para lá que ela foi, só pode, Paula. vamos descobrir isso. A Jú não é a tal preferida da mãe?

PAULA — Sim, nós já é que não prestamos. Tudo o que acontece nessa casa é só a Paula e a Ana, mais nada. Agora vamos ver quem pula a janela. Hoje vão lhe aquecer bem mal, depois que a mãe já anda com raiva de nós, vai descarregar mesmo toda raiva nela. Finalmente hoje os nossos nomes não estarão mais na boca do povo.

ANA — Vamos ainda ver se terá coragem de lhe ralhar como tem feito connosco.

Se a mãe não lhe pôr de castigo, hoje mesmo também vamos sair de noite, vamos nos nossos namorados e só vamos voltar amanhã, mas de tarde, para ela saber.

MÃE — Eu abri a porta muito cedo. Eu é que abri e não ela. Isso significa que ela realmente não passou aqui a noite. A Julieta não pode fazer isso comigo, estou muito furiosa. Até ela faz isso? Não consigo acreditar nisso. Quando ela chegar vai me sentir.

PAULA — Agora a mãe para falar mais que a Ana e eu é que damos dores de cabeça.

MÃE — Paula, não me enerva, yeah? Não me faz perder a cabeça nessa manhã. Já basta a tua irmã fazer isso comigo, sabes se lhe aconteceu algo de errado?

ANA — Ó Paula, não fala mais, deixa só assim. Não sabemos se dormiu mesmo fora. Quem sabe foi fazer algo muito cedo? Ela como gosta muito de manter tudo em sigilo, quem sabe foi mesmo fazer algo ou mesmo está apenas lá fora a limpar o quintal?

MÃE — Ove, aquela não é a Julieta que está a aparecer lá ao fundo com o balde na cabeça? Parece ser ela, não acham? Assim, acordou cedo para ir acarretar água? Essa é a minha menina do coração.

ANA — Com licença, mãe, deixa ver... não falei que deve estar a trabalhar? Sim, é mesmo ela. Afinal, ia só acarretar água. Só estamos aqui a fazer muita confusão em vão.

MÃE — Eu sabia que a Julieta não faria isso comigo. Estou mais aliviada agora. Assim já me posso alegrar. Vejam só essa minha menina como é? Muito empenhada, que lindo!

PAULA — Hum!? Mba aqui sabem simular comportamentos, yeah!? Não é a mãe que estava a desconfiar dela, agora já, ela é incapaz de trair a sua confiança? Que falsidade!

JULIETA — Por que é que estão aí paradas na porta? Até a mãe para também na porta? Que estranho, hein!? E essas vossas caras como se tivessem visto uma rainha? O que foi?

PAULA — Olha já, assim foste no rio a estas horas por quê? Perdeste o medo muito cedo, não? E tu já és a mulher ferro que não sente frio? Um dia vão já te violar, vais ver só, brinca ainda, ham!

ANA — Paula, deixa de chatear a outra. Se fosse na tua vez já ias querer lutar. Depois tu que nem força tens, gostas muito de pegar pedra. Ela sabe muito bem do perigo que corre.

MÃE — Já chega, meninas. Minha filha, foste ao rio mais cedo, por quê? Não podias deixar isso para uma outra altura?

JULIETA — Mãe, como sabia que hoje é o meu dia de cuidar da casa, principalmente a cozinha, assim que ouvi barulho da porta, decidi acordar também. Fui à cozinha e notei que havia pouca água, então, comecei a acarretar a água. Até que não estava muito escuro, pois, há, por exemplo, o Tio André e o Tio Jonas a cultivar nas lavras junto ao rio. Não vejo razões de tantos alaridos da vossa parte.

PAULA — Essa tua coragem não tem limites, oko mba! Tudo isso só para te gostarem?

JULIETA — Com licença, quero passar, vocês não estão a ver que tenho o balde de água na cabeça? Pelo menos deveriam ajudar-me a tirar isso da cabeça. Vocês pensam que sou a Super-mulher? Também tenho sentimentos.

MÃE — Ela tem razão...vocês deveriam ter um pouco de vergonha na cara. A vossa irmã já foi ao rio, enquanto vocês só sabem resmungar, mas que tipo de mulheres são vocês? Quero ver quando tiverem as vossas próprias casas. Nem sequer vão demorar lá...

ANA — Oko! A mãe também gosta de criar assuntos. Toda hora só a porque vão choutar-vos, vão choutar-vos. A mãe não pode esquecer que maldição de uma mãe pega mais rápido nos filhos do que qualquer outra coisa.

PAULA — Tens toda razão, minha irmã. Vamos ver onde é que iremos parar com isso tudo. Só sei que um dia me vou casar e não com um Bernardo qualquer. Vou encontrar um bom homem e só as tais comidas que vou fazer...?

JULIETA — Tu mal sabes cozinar, ainda vais só matar o filho alheio. Pensas o quê?

MÃE — É, é, é...mba tchicale ñgo. Assim mesmo tu é que vais cozinar para o meu genro? Só vamos ouvir o filho alheio apanhou cólicas, ahahahaha (gargalhadas).

JULIETA — Estou curiosa para aquele dia. Convida-me para visitar a tua casa, yeah, mana? Tem de ser mesmo na primeira refeição depois de te casares, vai cuiar só à toa.

PAULA — Ó Jú, sua burra, quem és tu na rua dos cães, hein!? Nem sequer vou te convidar. Para já, na minha casa nem vais entrar. Vou atender-te lá fora, vais ver só. A tal comida que te vou dar mesmo é pão com água doce, enquanto os meus filhos, marido e eu, comeremos hambúrguer acompanhado com leite. Coisas de ricos, só coisas de ricos.

MÃE — Mba vocês dão graça. Portem-se bem, ouviram? Estou a ir trabalhar. Não acaba o carvão, Julieta. A couve está na bacia verde e o peixe está lá no saco preto, basta uma tábuia, mas primeiro põe na água para extrair um pouco de sal. Até mais logo, meninas. Assim estou a ir, não quero ouvir que vocês andaram em brigas aqui em casa. Está claro?

JULIETA — Está bem, mãe. Deixo almoço para si ou nem por isso? Vamos só evitar ralhetes.

MÃE — Não precisa, mas agradeceria que me deixassem um pouco de couves para acompanhar no jantar. Se não chegar também não faz mal, depois verei o que posso fazer.

JULIETA — Está entendido, mãe. Vamos fazer uma gestão para que sobre comida para si. Havendo peixe, não há necessidades de se consumir muita couve numa só refeição.

PAULA — Oh! Agora tu já é que falas em nossa vez? Eu vou comer o necessário e pronto.

JULIETA — Não te preocupes, nem vou tocar no teu prato, vou servir-te como quiseres, nem que seja necessário reduzir a minha comida, mas vou sim deixar para a mãe também.

MÃE — Pronto, sem discussão. Até mais... ham, já me ia esquecendo, Julieta, a Tia Suzana virá cá mais logo, não esqueça de a entregar os cestos que estão por cima da mesa.

JULIETA — Ah! Eu já estava a pensar que aqueles cestos lindos são nossos. Mãe, tem de mandar fazer alguns daqueles também, são lindos demais, o que achas, Paula?

PAULA — Aqueles cestos bem feios é que estás a dizer que são lindos? Mba os teus gostos são esquisitos mesmo, yeah? Se dependesse de mim, a esta hora não teria nenhum cesto sobre a mesa; ainda bem que a Tia Suzana os vai levar, aquilo só combina com ela. Falta-lhe mente e coração.

ANA — Até que nem penso assim, achei os cestos uma maravilha sim. Tens péssimo gosto, irmã. Tens toda razão, essas coisas lindas não combinam mesmo contigo.

MÃE — Assim estão mesmo a discutir sobre cestos agora? Mba fui. Mais logo, meninas.

JULIETA — Bom trabalho, mãe.

PAULA — Que tal agora a Jú preparar o pequeno almoço? Do jeito que estou cheia de fome, só estou tipo não jantei ontem. Afinal, ontem comemos o quê? Só a tal fome? Oko!

ANA — Jantamos funje com carne de galinha. Tu nem sequer jantaste, estavas aí toda cheia de sono que até roncavas e tudo. Parecias um porco dentro da sua pocilga e como se não bastasse, estavas lá a sonambular, a porque não, um dia irei viver lá na lua contigo.

PAULA — Afinal, é por isso que estou com muita fome. Ainda bem que terei um pequeno almoço de garfo e faca; vai sair bem. Então, não precisas contar comigo no vosso pequeno almoço.

JULIETA — Está entendido, senhora mandona. Agora só reza para que possas encontrar alguma coisa do género lá na cozinha, rs, rs, rs, rs. (risos). Não é nada fácil em plena crise ter comida na cozinha por muitas horas, ainda mais quando se tratar de uma boa carne de galinha preparada pela mãe, a grande chefe de cozinha jamais vista em Angola.

PAULA — Experimenta ainda...vais apanhar no focinho. Eu sou muito bem capaz de te agarrar na garganta e dar-te muitos socos da barriga só para lançares toda a minha comida, brinca de criança, então. Assim mesmo a outra dorme com fome e tu bem armada comes o que seria para mim?

JULIETA — Relaxa, maluca, nem sequer dei conta do teu prato lá na cozinha. A não ser que a mãe tenha feito da tua comida o seu pequeno almoço, mas duvido que o tenha feito, pois, ela também sabia muito bem que tu foste à cama sem ter jantado.

PAULA — Ainda bem que todas vocês já sabiam que eu não havia jantado. Imaginem só te comerem a tua carne e não é uma carne qualquer, é carne de galinha preparada pela velha Margarida de Sousa. Não é aquelas tuas comidas cheias de óleo tipo refogaram com banha de porco morto há um ano.

ANA — Aie? Queres mesmo falar de comida boa? Aqui mesmo se tivermos que falar disso, vais só chorar. Lembras do dia em que puseste sal na panela de arroz doce? Admirável a tua capacidade de cometer borradas. — Como é que uma pessoa vai cozinhar algo sem sequer provar e vai logo pôr à disposição de todos? Contando nas pessoas, acho que ninguém acreditaria, mas foi o que aconteceu.

JULIETA — Naquele dia a mãe quase chorou de tanto pensar no que a Paula fez. Se o pai estivesse vivo, ele mesmo te pagaria um curso de culinária. Imagina já se o teu damo estivesse em casa, como é que te ias safar daquilo? Acho que ele mesmo te ia mandar para o espaço bem rápido, rs, rs, (risos).

ANA — Coitada, afinal também sentes? Pensei que eram apenas os outros que sentiam; por um pouco até pensei que havias sido fabricada numa indústria de bonecas.

JULIETA — Precisamos aprender com os erros, saibam já disso. Isso se chama humildaaaaade.

CENA 2

PAULA — Ó Jú, o que é que deste na mãe para ela preferir mais a ti e não a nós também? Parece que a mãe quando olha para nós só consegue ver defeitos, mas quando olha para ti, só vê beleza? Isso é muito estranho, não achas, Ana? Parece que algumas pessoas são que nem a Xica Da Silva, basta palmas para que a mucama apareça para lhe fazer as ordens todas.

ANA — Ó Paula, também não é para tanto. Assim estás a querer dizer o quê? Achas que a Jú enfeitiçou a mãe para se insurgir contra nós? Onde é que foste buscar essa ideia maluca?

JULIETA — Deixa, mana, deixa que ela continue a falar à toa. Receberia feitiço só para ser bem tratada pela minha própria mãe? Sou bastante alta para me rebaixar até este nível, saiba já, querida. Se quisesse ganhar a atenção de alguém use a razão e não sai às ruelas vendendo sorvetes em moleques. Precisas ser uma vendedora de sonhos e, isso, se faz com trabalho, trabalho...entendes?

ANA — Não lhe liga, mana, tu sabes que a Paula é intriguista. Gosta de pôr lenha onde não há. Se a ouvires só te vais torturar e mais nada. Essa não é a primeira, nem a última vez que faz isso. Não foi ontem que a mãe lhe bateu com aquele cabo da enxada? Não ouve e nem sequer vai aprender. Eu mba reconheço que sou preguiçosa e isso faz com que a mãe me dê pouca atenção ao contrário de ti, Jú. Tu és mesmo muito empenhada.

PAULA — Lenha na fogueira? Achas que estou a brincar? Então, vamos ver o que acontece depois. Se isso não te dói é contigo, a mim dói e tanto. se sonho valesse, porque razão muitos morrem quando sonham? Acham mesmo que vocês um dia serão alguém nesse país que até o ar é projecto do estado?

ANA — Discutir contigo é mesmo perca de tempo, yeah? Achas que o sonho a que refere ela tem a ver com o sonho de ir à cama e acordar no dia seguinte? Precisas mesmo crescer, yeah?

JULIETA — Queres ganhar a atenção da mãe? É muito simples, dedica-te como eu e ela te dará toda atenção necessária. Minha querida, os lugares conquistam-se com muito trabalho e dedicação. Vês? Acordei cedinho para ir ao rio enquanto culpas o frio. Não quero entrar em atritos contigo, pensa o que quiseres, não vai mudar nada em mim.

ANA — Também chega já, vamos lá trabalhar. O tempo está a passar-se e ainda temos muita coisa para fazer. Paula, vai já pegar o milho para começarmos a debulhar. Eu vou cuidar dos sacos e dos banquinhos para nos acomodarmos lá debaixo da goiabeira, parece que hoje teremos um dia de sol.

PAULA — Não gosto de quem me interrompe, yeah? Esse assunto não fica por aqui, assim mesmo avisei. Estás a me olhar assim? Me caguei ou me mijei? Vou te dar uma bofa agora. Estás a gozar com a minha cara, pois não? Achas que deves mandar na minha vida? Paula fuic, Paula fuic...

JULIETA — Não quero discutir...com licença...eu ainda valho muito para mim mesmo, só para não citar outras pessoas também que dariam as suas vidas para me verem viva e feliz.

ANA — Ó Paula, vai então pegar o milho, não fica mais aí a cochichar, sua resmungona de uma figura. Para quê muita conversa se isso não nos leva a lado nenhum? Pega o milho e vamos continuar com a conversa aqui mesmo, assim, terminaremos bem rápido.

JULIETA — Finalmente há um cérebro a funcionar em condições nesse meio, oko mba! Nem consigo acreditar que a Paula, na condição de mais velha de todas, seria mais a senhora que puxa tudo para atrás quando a intenção primária é puxar para frente. Maldição das primogénitas será?

ANA — Nada a ver, Jú, esse é apenas problema da nossa mana. Conheço bem a Lídia, ela é primogénita e nem tem um cérebro tão disfuncional como o cérebro dessa aí. Que parece morto.

PAULA — Também já não vou mais pegar a porcaria do milho. Se quiseres, vá tu mesma pegar. Ninguém me paga, só trabalho tipo escrava. Já sei que um dia vou trabalhar muito quando eu tiver a minha própria casa. Lá sim, vou trabalhar todos os dias, sem renda, nem feriado, mas pensando bem, nem lá sequer vou trabalhar, vou mesmo arranjar uma empregada que trabalha que nem uma máquina de escavação, basta lhe dar um bom salário, vai ser bem rápido.

JULIETA — Opa! Assim é que estás a reclamar a forma como a mãe me tem tratado? Falta de vergonha. Depois que a mãe retornar à casa, é só justificar à mãe as razões que te fazem desistir das tarefas que ela te orientou e tu mesma concordaste fazer sem que te obrigasse a tal coisa.

PAULA — Jú, sua tonta, um dia te mato. Pensas que tenho medo da mãe? Isso nuncaaaa! Só não respondo e discuto com ela porque tenho um pouquinho de respeito, senão, eu faria o que bem me apetecesse e ninguém me tocaria, muito mesmo me dirigiria aquelas palavras que magoam a alma.

JULIETA — Eu? Experimenta ainda. Vais falar mal da vida. Achas que tenho medo de ti? O único medo que tenho é dessa tua boca que cheira a pocilga. Fica a saber que já te tolerei demais. Se te achas grande, saiba que eu não janto só funje, eu também janto gaz. Só te respeito pela tua idade.

ANA — Então, lutem, já que não se querem calar, suas lunáticas. Problema vosso, só não quero ouvir pessoa alguma a clamar pelo meu socorro porque vou tapar os ouvir e os meus olhos.

JULIETA — Tu estás a ver que ela mesmo é que me está a provocar. Eu não a fiz nada. Essa daí anda muito repleta, nem sei o que tem comido, bebido ou fumado ultimamente. Se for comida, só pode ser fezes de hipopótamo, se for bebida, só pode ser água de chefe, mas se for liamba só pode ser de Malanje, esqueceu-se que aquela liamba não se consome só assim, aquilo mata até homem grande.

PAULA — Repleta eu? A tua avó é que me deu de comer ou o teu namorado desgraçado? Continua a estressar-me, continua mesmo. Vou só ir dormir, não quero matar alguém hoje. Eu como sou muito estressada mesmo, assim já sinto a minha cabeça a picar bué.

ANA — Ah, ah, ah, ah...(gargalhadas). Não me faz morrer de gargalhadas, yeah, Paula? Essa é a desculpa esfarrapada que encontraste? Vai só dormir, é o que mais sabes fazer, não achas? Ham! E comer também porque de resto mesmo é só mangonhice. Sempre que não queres trabalhar, provocas

as outras para que depois venhas com argumentos de não querer mais trabalhar. Já ganhaste, yeah?

JULIETA — Mba eu fui...vou cuidar dos meus afazeres lá dentro. Já é sem tempo mesmo. O azar às vezes te bate a porta logo no momento em que pensas que a vida está uma festa. Festa que nada...afinal, os problemas acompanham as pessoas tipo quando uma pessoa se esfrega perfume.

ANA — Assim mesmo, Jú. Ainda bem que não foi preciso se pegarem nas blusas. Nem imagino o que teria acontecido. Quem evita não é burro. Até o próprio burro evitaria as provocações da Paula porque já sabe que ela ferve até com pouca água.

JULIETA — Mas...

ANA — Espera aí, desculpa por te interromper. Sabes? Tiveste sorte hoje, a mãe...

JULIETA — Desculpa-me por te interromper também, Ana. Não está na hora de debulhar o milho? Esse milho tem de ser moído ainda hoje. Ainda estás aqui a afiar mais a conversa? Eu pelo menos só me resta mesmo preparar o almoço. Faz lá a tua parte, ove.

ANA — Assim estás a pensar o quê, hein!? Que eu vou fazer aquilo tudo sozinha? Nunca na vida, esquecer isso, yeah? Também nem vou tocar já lá. A mãe quando perguntar, só vou dizer que a Paula também não aceitou e tu és minha testemunha.

JULIETA — Testemunha de quem, tua? Nunca na vida, eu não vou testemunhar nada porque dá muito bem para fazeres a tua parte enquanto deixas a parte assim para a mãe saber que pelo menos tu fizeste a tua parte, diferente dela. Agora também entraste na jogada esfarrapada da tua amigona?

ANA — Tens toda razão, mana, mas também não vou fazer. Assim, a Paula vai me achar de burra, mais parva. Vai passar a usar-me como se fosse seu bonequinho de palha. Isso não admito. Ou não me chamo Ana Francisco Santos Avelino. Que se dane todo mundo, não faço mesmo nada e pronto.

JULIETA — Tu é que sabes, então. Só quis dar a minha opinião. Para o teu próprio bem. Vejo mesmo que é uma perca de tempo dar-vos conselhos. Quem seria capaz de vos suportam, afinal?

ANA — Que linda opinião, hein!? Gostei dessa, sabias? Tchau, estou a ir à casa da Ruth. Não esquece de me contar no almoço, ouviste? Agora esquece só. Eu não sou a Paula que só sabe mandar muita boca. Tu me conheces, sabes que sou alguém de poucas palavras e de muitas acções. — Aí onde estou a ir não é na minha casa e não gosto de comer fora de casa, faz-me muita confusão.

JULIETA — Está entendido, chefinha. Fazer o quê? Sou mesmo a escrava dessa casa. Só está tipo eu é que sou a mãe dessa casa. Tudo, tudo, é só Jú, Jú, Jú. Vamos ver ainda o dia em que eu morrer se me vão acompanhar no buraco ou não.

ANA — Tu assim toda seca tipo uma pessoa que apanhou tuberculose há dez anos, quem te vai acompanhar no buraco? Morrer é crime, no cachão faz calor, aprende já, garota mimada. O mundo é dos vivos e não dos mortos que querem reinar. Queres reinar, vai na casa mortuária, ok? Ainda tens que continuar viva para o bem da tua protegida. Se morreres ela é a única que vai chorar bué. Fuiiii!

JULIETA — Meu Deus, ter duas filhas destas deveria dar direito à cadeia. Deveria ser mesmo crime. Isso não se admite. Assim vou fazer tudo isso sozinha? Como não chegou a minha hora de preparar o almoço, vou só me divertir a debulhar o milho até onde der. Não consigo ver a mãe toda decepcionada outra vez por não fazermos o que nos orienta.

JULIETA — Ó credo, já são onze horas e vinte e dois minutos? Tenho que deixar de debulhar para preparar o almoço. As chefonas daqui a pouco vão começar a chegar para ver se a escrava já terminou de cozinhar. — Vamos lá, esse carvão também gasta rápido, yeah? Só está tipo algodão doce, oko! Vou primeiro pôr as couves ao fogo. A mãe sempre dizia que o conduto nunca deve ir ao lume depois da panela de funje. É sempre o seu contrário. Couve também coze rápido. Enquanto coze, vou debulhar mais um pouquito.

JULIETA — Enewe! Esse milho é mais assim, afinal? Umas partes tipo andaram a tirar, a tirar, a tirar tipo foram fazer torrada. Mba uma boa torrada a essas horas sairia bem. Vou ver se tiro uma mão de milho, vou pôr na água, até à tarde estará bem mole, vai me sair bem. — Humby, humby, yeleta twende, kakele cacimbamba osala posi...humby, humby, yeleta twende, kakele cacimbamba osala posi. Poças! Duvido que haja canção igual! A mãe já só como gosta? Mba tchicale ñgo. Ndaivaluka. — Mba deixa ir bater o funje antes que as minhas chefonas apareçam e birrem comigo.

PAULA — Ham!? Só estás a meter a primeira fuba agora? Mba isso não é hoje, yeah? Desde aquela hora assim estavas a fazer o quê? Sua preguiçosa fingida. É assim que és a protegida da mãe? Também fazes bem, hoje mesmo seremos todas ralhadas, assim, nem me vai doer tanto porque também vou contar tudo isso à mãe quando regressar.

JULIETA — Tens a certeza do que estás por aí a dizer? Passaste toda manhã a dormir e agora vens aqui a porque fuic, fuic? Mba minha irmã, não me estressa só. Nem tens noção do trabalho que fiz hoje. Se alguém trabalha que nem basculante nessa casa, sou eu. Disso podes ter a plena certeza.

PAULA — Vai para o inferno, yeah? Estou de saída. É melhor me chamares assim que a comida estiver pronta, ouviste? Estás a me olhar assim? Estás a gozar ou o quê? Deixa-me ir lá cuidar do meu cabelo enquanto aprontas o almoço. Vou tentar queimar um pouco de tempo.

JULIETA — Algumas coisas é só mesmo azar! Eu já é que sou escrava enquanto algumas pessoas saem, cuidam dos seus cabelos. Os tais cabelos é que nem são lisos e nem crescem.

ANA — Cheie! A Paula debulhou esse milho todo sozinha? Sim senhora! Poças, eu estava a subestimar essa gaja, afinal, ela bumba mesmo tipo veículo de tração a motor, até carroça aqui capota bem rápido. Então, minha candengue Jú, sempre a impressionar? Ainda deixa provar isso..., hum! Hum! Isso falta um pouco de sal, esse peixe acabou muito sal. Que tipo de mulher és tu?

PAULA — Ó caramba da Jú, a comida está pronta e não dizes nada? O que foi que te disse, hein!? Já demoras a cozinhar essa porcaria de comida, ainda nem sequer me dás um sinal? Ganhaste, yeah?

JULIETA — Comem só e não me fazem mais barulho. Deveriam agradecer ao menos pelo esforço empreendido. Algumas pessoas trabalham para comer, enquanto outras, nem por isso. Que triste! Quer dizer, cozinho e ainda tenho de passar no quarto para avisar? Isso nem que a vaca tussa, faria.

PAULA — Uau! Até que essa comida está boa. Faltou um pouco mais de tomate, mas já dá para sobreviver. A Ana do jeito que gosta de sal, parece que o avô dela trabalha nas salinas. Nem sabe que isso faz mal à saúde; depois tu já és uma descartável, brinca à toa, vais entregar a chave no Kota Deus.

ANA — Eu já é que brinco à toa, não é? Até que eu gosto muito de sal, e tu que gostas muito de açúcar como se o teu pai que está por baixo da terra trabalhasse numa produção de cana-de-açúcar? Não me faz rir, oko! Sei muito bem quando é que chegou sal ou não porque eu cozinho como os italianos.

JULIETA — Chiiii! Calem ainda as vossas bocas. Ou comem ou falam. Não se pode cantar e ao mesmo tempo assobiar. Não sabem que quando se está na mesa não se pode falar, ainda mais quando se tem comida na boca? São regras da boa convivência, manas.

PAULA — Olha para essa louca armada em jacaré de parede. Assim estás a ensinar as regras de convivências a quem? Talvez à Ana. Eu mando lixar todas essas merdas de regras, estou mesmo em nossa casa e aqui ninguém me dá ordens., ainda mais tu, tonta.

JULIETA — Nem te estou a dar ordens. Saiba que a vida é uma escola tal como disse Cury, ela não sabe ensinar quem não sabe ser aluno. Todos nós somos alunos dessa escola e temos de aprender...

ANA — Eu também não aceito ordens nenhuma. Esse tal Curty assim também estava repleto quando disse isso, só pode. A Jú deveria ir só ao convento, pois não, Paula? Ia sair-se bem com essas regras todas. Pelo menos vai inspirar-se na Madre Teresa de Calcutá.

JULIETA — É Cury e não Curty, sua burra. É por isso, nem tu, nem a Paula lêem as obras deeles, como é que vão saber de alguma coisa assim? Só sabem mesmo levantar a saia e dar a bunda e mais nada. A vida é muito mais do que isso. Claro, mas não sou digna de ser comparada à Madre Teresa.

PAULA — Teresa de Calcutá? Aquela kota era capaz de dar a sua comida para alimentar quem tivesse fome. Essa daí do jeito que é bem gulosa nem ia aguentar a batida, morreria.

ANA — Nisso tens razão, essa miúda tem um túnel aí dentro, aquilo é só atirar lá para o fundo; parece que nem mastiga mais os alimentos e tudo mais. Ainda vai só comer as hóstias que confeccionam para as missas. Já imaginaste a ligarem para a nossa velha a dizerem que a sua Julieta foi expulsa do convento porque comeu as hóstias?

JULIETA — Sabem? Vão lixar-se, yeah? Estou nem aí para as vossas piadas descabidas. Eu faço jejum, pelo que sei, vocês nem aguentam fazer isso. Por quê? Assim sou a mais gulosa? Esse não é o lado real das coisas, não tentem tapar o sol com a peneira porque não vão conseguir.

ANA — Éh! Hoje tiveste muita sorte, Jú, a mãe estava a te planificar para uma boa surra. O cabo de enxada ia mesmo partir-te... Paula, conta-lhe se estou a mentir, então. É pena não ter acontecido.

JULIETA — Por quê, ua mentirosa? O que foi que terei feito para que a mãe me batesse? Assim, vocês já me queimaram mais, pois não? Já nem imagino que disseram mais à mãe. Sei que a mãe jamais seria capaz de levantar a mão contra mim. Eu sou o paracetamol dela quando vocês se tornam a sua dor de cabeça. Se eu não estivesse cá, a mãe já teria morrido por vossa causa.

PAULA — Ove, de manhã nós estávamos à sua procura... a mãe ia ao seu quarto e tu não estavas lá, então, ficamos com a ideia de que tu não terás passado a noite em casa. Pensamos até que tu arranjaste um namorado e tudo. Que pensamento doido, estávamos esquecidas que tu és a santa dessa casa.

JULIETA — Deram-se mal, muito mal mesmo. Longe de mim fazer isso. Sou boa moça e o dia-a-dia já revelou isso há bastante tempo.

PAULA — Oh! Excesso de confiança. Sei porquê, a mãe é que causou isso tudo. Se a mãe fosse homem, diria mesmo que somente tu és filha dela, enquanto que a Ana e eu somos suas enteadas.

ANA — Hum, Paula!? Fala mesmo de ti, não me inclui mais nisso. Eu sei que a mãe prefere mais a Jú do que nós as duas, mas eu também apesar de tudo, sinto-me segura na companhia da mãe. Ela é uma grande senhora e sabe manter a casa sempre em ordem. Não é e nunca foi fácil uma senhora viúva cuidar do lar, ainda mais só com meninas cujos temperamentos são totalmente distintos.

PAULA — Está sozinha porque quer, faz tempo que o pai morreu. Se fosse comigo já teria arranjado um outro homem. A vida é para frente.

ANA — A cautela nesses casos é bastante importante. Segundo contou-me uma vez a mãe, havia um senhor que a quis, mas ela não o aceitou. Até que já eram grandes amigos, faltou apenas um sim. Sabes por que é que a mãe o negou?

PAULA — Não sei, diz-me tu...

ANA — A mãe negou-o porque ele dizia que ficaria com a mãe caso a mãe enviasse as suas três filhas, no caso, nós para a avó. De contrário não aceitaria. Entendes? A mãe preferiu a nós, abriu mão da sua felicidade para que pudéssemos sorrir. Veja agora o que é que é que nós a damos em troca.

PAULA — Epah! Isso é bastante complicado, então. Não sei o que dizer sobre isso, ainda acho que a mãe inventou essa história toda só para que fizesses tudo o que ela te quisesse mandar sem ao menos resmungares. O que tem de errado levar as filhas na avó para ser feliz com o homem que amas?

ANA — Farias isso? Serias mesmo capaz de deixar os teus filhos para ir ficar com outro homem? E se lá não fores feliz, o que farás caso te deixe?

PAULA — Muito simples, mato o desgraçado com veneno de rato. Achas que ele vai ficar por aí a rir-se da minha cara? Comigo eu mesmo é que decido como gerir o lar e quando acabar com o relacionamento. Eu não admito machismo nem que for no sonho.

JULIETA — Gostam de bisbilhotar a vida dos outros, pois não? Com licença, preciso tirar a louça para lavar. Deveriam passear um pouco enquanto trabalho, por favor, preciso de silêncio aqui, ok?

CENA 3

MÃE — Olá meninas! Meu Deus, esse milho está a fazer o quê aqui? Vocês não moeram isso? Ana e Paula, venham cá explicar-me isso. O que é que vocês fizeram além disso?

ANA — Eu nem vou responder, vou bazar na casa da Tina. Isso agora vai dar mal. Fuiiiii.

PAULA — Eu também nem vou estar aqui para que tudo não sobre para mim. Vou bazar também. Vamos juntas, então. Agora vamos só nos esconder um pouco e esperar que a mãe entre e depois saímos a correr. Quem for vista, problema dela, ouviste?

ANA — Boa ideia! Saímos e lá no caminho vamos tentar traçar um plano para voltarmos sem que a mãe caia por cima de nós. Nem adianta só me tocar mais, ainda sinto dores da última surra, lembras?

MÃE — Onde é que essas duas meninas se meteram, Julieta? Há pouco que estavam aí...

JULIETA — Nem sei onde é que se meteram, mãe, talvez estejam lá fora a fugir de si, só pode. Vou lá fora procurar por elas se é que ainda estão lá fora. Já devem ter fugido.

PAULA — Estás a ver a Jú como é traidora? Assim, está a vir para fazer o quê? Vamos aproveitar sair agora antes que nos encontre aqui e fale na mãe que estamos aqui atrás, para a nossa desgraça.

JULIETA — Ham! Vos apanh... ei, vocês estão a fugir? Não vão, a mãe quer falar convosco, ela está muito zangada convosco. Ei, venham aqui, não fujam. Mãe, mãe... a Paula e a Ana estão a fugir.

MÃE — Meninas..., onde estão elas?

JULIETA — Acabam de sair a correr, mãe. Não sei para onde é que foram, mas não foram longe.

MÃE — Está bem, só se eu não for a mãe delas. Nove meses para cada uma delas e elas retribuem-me desse jeito? Vão ter problema sério comigo hoje. Não terão acesso ao jantar e ainda terão outros castigos, isso é brincadeira. Debulham o milho e deixam ali fora?

JULIETA — Lamento informar, mãe, mas este milho quem debulhou não foram elas, mas sim, eu. Assim que a mãe saiu, elas puseram-se em conversa afiada. A Paula começou a emburrar-se comigo e depois foi para o seu quarto. Ana não admitiu, saiu e passou a manhã na casa da amiga dela. Então, preferi cuidar do milho, da casa e do almoço sozinha.

MÃE — O que faço com essas meninas? Todos os dias aprontam algo. Seria bom que o seu pai ainda estivesse vivo. Estou muita cansada de falar para essas meninas. Surra já não faz efeito pelo que se pode notar. — Tenho que adoptar outras medidas correctivas antes que seja muito tarde demais, ainda mais por se tratar de meninas. Um dia essas meninas vão arranjar problemas maiores e não terei como contornar.

JULIETA — A mãe não pode quebrar a cabeça por culpa dessas duas, mas tem de se fazer alguma coisa porque essas já não mudam. Elas saíram e ainda queriam lutar comigo por demorar a preparar o almoço. Reclamam por qualquer coisa que os apetecesse.

MÃE — Deixa comigo, minha filha, eu sei o que fazer com essas duas. Ou entram na linha ou queimam-se na lenha. Nessa casa deve haver ordens, isso não é uma sanzala.

JULIETA — Está bem, mãe, é só evitar dar cabo a cabeça porque ainda só apanha AVC.

MÃE — Já são vinte horas e essas meninas nada? É um perigo meninas estarem na rua a estas horas.

Espero que não aconteça nada com elas, meu Deus! Essas meninas só me dão mesmo dor de cabeça.

JULIETA — Um instante, mãe, já, já volto, vou só lá fora rapidinho, nem precisa fechar a porta.

MÃE — Hum!? Já vieste? Foi mesmo rápido. Diz-me só, ias fazer o quê lá fora a esta hora, Julieta?

JULIETA — Mãe, não fale alto, a Ana e a Paula estão escondidas no quarto de banho, ouvi a voz de uma delas. Se a mãe for bem devagarinho ainda as apanha em grande e arrastá-las cá para dentro.

MÃE — Siam daí, suas mangonheiras...para dentro, já. Pensaram o quê, que iam passar a noite aqui? Acham mesmo que resolveram o problema que vocês provocaram? Não, não, meninas. Isso só está a começar. Hoje vocês vão dizer quem é a vossa mãe, afinal.

ANA — Hoje é hoje. Não disse que a raiva da mãe não acaba tão facilmente? Aí está. Vamos apanhar.

PAULA — Fica calada, burra. Não piora as coisas. Eu já estou habituada com isso, também não é para tanto. Já tenho dito, a mãe também deveria arranjar um marido, é muito estressada.

MÃE — Meninas, nem sequer fizeram o que os orientei, que tipo de filhas são vocês? A vossa irmã mais nova é que faz o trabalho que seria vossa enquanto vocês vagueiam?

ANA — Mãe, a culpa é da Paula...

MÃE — Cala-te, não pedi a vossa justificação. Hoje vão dormir com fome, ficam já a saber disso. Além disso, amanhã vão irão debulhar quarenta quilogramas de milho e levar à moagem, cozinhá, arrumar a casa e cuidar da roupa e louça durante duas semanas completas. Ham! Irão também à praça sempre que necessário. Estamos entendidas?

ANA — Sim, mãe, mas não é justo que façamos isso enquanto que a Jú fique aí a rir-se de nós. Pelo menos dar as tarefas de ir à praça à Jú também para ela nos ajudar um pouco.

MÃE — Agradeçam que não aumentei tarefas..., nem sequer toquei nos vossos corpos, então, não agravem a vossa condição, posso muito bem aumentar no vosso castigo caso continuem a reclamar.

PAULA — Isso tudo é por culpa da burra da Jú. Ela vai ver só o que lhe vai acontecer. Ela não vai ficar a rir-se de nós. Temos de traçar um plano para definitivamente acabar com essa brincadeira toda. Se ela desaparecer, vamos ver quem vai mandar mais boca.

MÃE — Toquem nela e eu mando-vos para o olho da rua. Aqui ninguém está para ser vossa escrava. Casem também para poderem mandar e fazer as coisas como vos convier, mas saibam que o que não aprenderem em vossa casa, dificilmente conseguirão aprender numa outra casa. Eu sou vossa mãe e sei muito bem daquilo que vos tento dizer. Só quero o vosso próprio bem e nada mais interessa.

ANA — Desculpa-nos, mãe, vamos fazer tal como a mãe quiser, estamos arrependidas por tudo.

CENA 4

PAULA — Tenho uma ideia, claro, se ainda quiseres colaborar. Se não quiseres, não faz mal, eu trato disso sozinha. Sabes que não tenho preguiça de criar ideias sozinha. E fazer acontecer sem crises

ANA — Não exageres, tá? Que ideia? Apesar do que houve, não vejo razões para vinganças. Afinal, nós mesmo é que não cumprimos com as orientações da mãe. Estou de boa com o castigo, é duro, mas dá para se ajeitar. A mãe mesmo tem razão dessa vez.

PAULA — Razão? Aquela velha parece que se deixou mesmo enfeitiçar pela Jú. Se um dia a Jú morrer, vamos ver a quem depositará a porcaria da confiança se não em ti e em mim. Isso é frecura.

ANA — São cenas! Cuidado com essa tua raiva, mana. Isso pode afectar a tua saúde mental. Os especialistas alertam sempre para situações do género. Ainda és muito jovem.

JULIETA — Agora vou dar uma volta ao rio. Mãe, prometo voltar antes do anoitecer.

MÃE — Está bem, filha. Vai lá espairecer um pouco. Vai fazer-te muito bem, mereces isso, filha.

JULIETA — Está bem, mãe.

PAULA — Nossa! Que ideia maravilhosa! Hoje tu vais dizer adeus à mãe porque vais sair e não mais voltar. Eu vou acabar com a tua raça de uma vez por todas. Vais ver só o que farei contigo, lunática.

ANA — Paula, por que é que estás aí sozinha no escuro? O que estás por aí a trambar?

PAULA — Nada não, Ana. Vamos lá dar umas voltas? Quero ir visitar a Tina, vamos?

ANA — Vamos, não temos mesmo nada a fazer. Hoje é domingo. Sei que a esta hora ela também não está a fazer nada, a não ser que esteja na casa daquele cabeçudo do Pedrito.

PAULA — Estamos também de saída, mãe.

MÃE — Para onde mesmo?

ANA — Vamos à casa da Tina. Voltaremos antes do entardecer, prometemos, mãe, por favor.

MÃE — Vejam lá se chegam mesmo a tempo. Tu sabes que estás escalada para preparar o jantar, pois não? Espero que não me faças esperar muito, menina, o jantar tem de estar pronto antes das vinte.

ANA — Está entendido, mãe. Antes das dezoito horas estaremos de volta, não é, Paula?

PAULA — Sim, Ana. Estamos a ir, mãe. Chega de cerimônias. Não estamos a ir ao espaço. Temos noção das nossas responsabilidades e da hora de regresso à casa.

ANA — Espera aí, o caminho para a casa da Tina não é esse. Qual é o teu plano, Paula? Diz-me, para onde é que vamos exactamente? Estás muito misteriosa ultimamente. Vê lá o que estás a trambar.

PAULA — Chega de questionar. Se não quiseres vir é só falar que te deixo ir embora, assim, só me irritas cada vez. Só estás que nem uma adolescente chata que nem sabe o que quer da vida, tu és adulta para ficar aí toda hora a questionar sobre coisas que são fáceis de se entender, não achas?

ANA — Opa! Opa! Já cá não está quem falou. Fica descansada, já não vou perguntar, desde que não sejas misteriosa e partilhes cada passo daquilo que circunda a tua cabecinha oca, combinado?

PAULA — Boa menina! Então, vamos continuar com a caminhada. Vamos em direcção ao rio. Vamos procurar por uma diversão, estar sempre na casa da Tina é muito enjoativo.

ANA — Não entendi, rio? Nós não pedimos à mãe para irmos ao rio. O que é que a diremos quando regressarmos? Não quero mais mentir para ela. Já chega o que passamos.

PAULA — Aie, outra vez? Quem vai contar à mãe que fomos ao rio, tu sua fofoqueira medrosa? Relaxa, é só ficas calada e eu mesmo encarrego-me de responder todas as questões que a mãe fizer. Se abrires a boca estragas tudo. Consegues perceber o que te estou a tentar dizer? Tenha calma!

ANA — Está bem, se assumes isso, para mim não há problemas nenhum. Vamos nessa, então.

PAULA — Aqui está uma mata, yeah? Ninguém faz só uma limpeza básica nisso? Que porcaria. Em época chuvosa passar aqui é uma desgraça. A pessoa banha e depois passa aqui, até chegar em casa fica só tipo não banhou.

ANA — Tens razão. Eu assim quando chego em casa tenho que me lavar mais porque esses capins não ajudam para nada. Passa a levar um pano húmido para te facilitar.

PAULA — Não tenho lá muita paciência para essas cenas, tu me conheces. Pano assim é para quê? Eu só banho mesmo uma vez. Chego em casa, uso um creme e isso basta.

ANA — Rs, rs, rs, rs (risos). És uma suja, yeah? Tudo isso para fugir água tipo és macaca? Nossa! Olha quem está a dar uns mergulhos com este clima bem esquisito só.

PAULA — Essa miúda um dia só vamos ouvir lhe violaram, gosta muito de sair sozinha. Nem sequer consegue ter amigas. Aqui mesmo é parar vir sozinha? Só pode ser lunática. Que tal? Vamos guardar a roupa dela? Vamos pregar-lhe um susto, quero ver a cara dela.

ANA — Vamos a isso. Ela vai ficar passada quando perceber que as suas roupas desapareceram. Não queria estar na pele dela, yeah? Se fosse comigo, ficaria passada, mas bem passada mesmo.

PAULA — Eu também. Eu até seria capaz de dar umas pauladas a quem fizesse isso comigo. A tal pessoal ia falar mal da vida, mas ela merece isso por tudo o que nos fez passar. Até deveríamos sair mesmo daqui com as roupas dela para ganhar mais juízo.

ANA — Também não precisas criar tempestade no copo de água. Ela não te fez nada de mal. Apenas estamos a pregar um susto para ela e depois devolvemos as suas roupas. Não é isso que combinamos?

PAULA — Olha, olha, está a sair da água. Vamos esconder-nos por detrás desses caniços.

JULIETA — As minhas roupas estavam aqui, onde é que foram parar? alguém as levou ou será que um bicho apareceu por cá? Não acho que seja porque se fosse, não teria levado todas as peças de roupa e chinelas. Só pode ser alguém que tenha tirado as minhas roupas.

PAULA — Olha a cara dela de preocupada. Consegues ver a cara dela? Rs, rs, rs, (risos). Isso ainda é só o princípio. Vais ver só, sua vadia de uma figa. Estás a me olhar assim? O que é que foi agora? Não me diga que estás arrependida de estar aqui comigo, relaxa só, eu não sou nenhum tipo monstro.

ANA — Então, não te posso olhar mais? Que andas muito esquisita isso é pura verdade.

JULIETA — Meu Deus, como é que vou para casa desse jeito? Quem tirou as minhas roupas? Poças! Que brincadeira estupida vem a ser essa? Olá! Está alguém aí? Olá! Está alguém aí? Por favor, chega de brincadeira, estou a morrer de frio, preciso vestir-me, poças!

ANA — Rs, rs, rs, rs, (risos). Coitada dela, o frio está mesmo a cascar-lhe a vaidade, dá até para sentir à distância os seus tremeliques. Ai, que coisa! Paula, já podemos sair e entregar-lhe as roupas. Foi bom fazer isso com ela; da próxima vai ficar mais atenta.

PAULA — O quê? Já chega? Nem pensar, é não lhe darei as roupas agora. Que morra de frio se quiser. Achas que ela assim já sofreu o suficiente se comparar com o que nos fez?

ANA — Já não te consigo entender mais, sério. Faz o que quiseres, eu vou sair dessa.

PAULA — Estás bem armada em boa samaritana, podes ir, mas não faz barulho porque sei muito bem o que estou a fazer. A Jú é muito dura, já provou isso várias vezes.

JULIETA — Dá para ver que a pessoa que levou as minhas roupas não o fez apenas para me pregar susto. Essa pessoa tem mesmo intenção de me prejudicar. Epah, pronto! A mãe vai entender-me, vou cobrir-me de folhas de bananeira mesmo para sair desse lugar agora enquanto não há pessoas a passar.

PAULA — É agora, vou acabar contigo agora. Ainda bem que a Ana saiu. Vou atingir por trás da Jú com este pau. Ela nem saberá que sou eu. Vou bater e depois vou correr ao encontro da Ana para que não pense que foi eu quem bateu a Jú, mas sim uma pessoa desconhecida e rezar que a Ana a encontre.

JULIETA — Ai! Vou morrer! Paula, o que estás a fazer comigo? Estás a matar-me por ser a preferida da mãe e não tu? Que mal te terei feito para merecer a morte? Diz-me só.

PAULA — Oh! Afinal, ainda te sobra forças? Morre agora, sua desgraçada imunda. Morre, morre, morre. Eu disse que um dia te mato, não duvidavas de mim? Agora sente a minha fúria, desgraçada.

ANA — É o quê, é o quê? Ouvi gritos...Paula, Jú...vocês estão bem? — Está muito silencioso aqui. Onde é que essas meninas se meteram?

PAULA — Opa! A Ana está aqui. O que faço com ela? Vou matar ela também, não, a mãe vai desconfiar porque saí com ela. Já a Jú, ela não vai perceber porque a Jú saiu sozinha de casa. Tenho que arranjar argumentos para a Ana e tem de ser já.

ANA — Paulaaaaaaa! Onde estás? Júúúúúú! Onde estás? Respondam-me, por favor!

PAULA — Anaaaaaaaaaa, ó Anaaaaaaaaaa! Por favor, corre. Estou aqui, vem ver isso.

ANA — O que é que se passa? A Jú está a sangrar nas narinas. Meu Deus, ela está morta. Tu mataste a Jú, Paula? Por isso é que estavas a todo momento a dizer que a Jú vai ver, a Jú vai ver, agora mataste a nossa irmã? O que é que fizeste, diz-me agora, diz-me.

PAULA — Olha, eu não queria matar a nossa irmã do coração. Ela tentou lutar comigo, bateu-me primeiro para receber as suas peças de roupa, naquela de puxa, puxa, bateu-se numa pedra e não mais reagiu. Essa marca no pescoço dela é por causa da reanimação.

ANA — reanimação?! E agora, o que é que vamos fazer? Como contar à mãe que a Jú está morta?

PAULA — Fica calma, vamos tentar encontrar uma resposta rápida. Estou a pensar ainda nisso.

ANA — Tenho a plena certeza que planificaste isso faz tempo. Por isso é que decidiste seguir a Jú aqui no rio. Tu és um demônio em pessoa. Tirar a vida da tua própria irmã só porque é mais preferida do que nós? Quanta crueldade, Paula. Deus vai te condenar.

PAULA — Ham! Já sei que queres ir contar na mãe. Vai lá contar...ela ficará a saber que arquitectamos juntos esse plano de matar a filha preferida dela. Vai a correr contar, sua tonta de uma figa. Achas fácil fazer isso? Tem que ser mulher de verdade.

ANA — És perigosa! Aie? Envolveste-me nesse plano cruel para saíres inocente, conseguiste de uma vez por todas. Tens razão, a mãe vai condenar-me também, mas fica a saber que cedo ou tarde a justiça estará e cima de ti. A morte da Jú ainda vai dar que falar. O sangue dela não vai jorrar de graça, disso podes ter a certeza, acredita em mim. —Já ouvi muita coisa sobre isso. A mãe sempre falou que tudo pode ficar impune, menos a vida de uma pessoa, quanto mais a vida da nossa própria irmã? Já pensaste bem nisso?

PAULA — Cala-te, estás a ver aquele ferro tipo enxada? Vamos usar para fazer uma cova. Eu cavo aqui mesmo na areia e tu tiras a areia. Temos de ser rápidas antes que passe alguém, embora seja domingo. Já imaginaste se alguém nos encontra desse jeito? Vamos ir parar na prisão bem rápido.

ANA — Meu Deus! Vamos deixar aqui a nossa irmã sem um enterro digno? Isso não se faz com ninguém. A mãe vai morrer. Tenho muita pena dela, o pai já a deixou sozinha, agora a Jú também.

PAULA — Chega de lamentos, desgraçada. Precisamos cavar isso agora, o tempo está a passar, está a chegar a nossa hora de regressar à casa e tu tens ainda a missão de preparar o jantar, ou pensas que a mãe vai preparar por ti? Gostas muito.

ANA — Está bem, como quiseres.

PAULA — Puxa devagar, vamos lá. Está muito pesada. Comemos o quê no almoço?

ANA — Ainda perguntas? Não sabes que quando alguém morre fica mais pesada? Deverias saber disso antes de disferir um golpe na outra, sua amiga de satanás. Tens mesmo coração ou aquilo que está no lado esquerdo é pedra? Tenho dúvidas sobre isso.

PAULA — Não me enerves, yeah? Me procura só, vais me achar já, já, ouviste? Vai lá pegar capim tipo de jardim para colocarmos por cima e botamos água para vir germinar e o resto é só inclinarmos um pouco esses ramos, mas com cuidado para não despertar a atenção das pessoas que circulam cá. Vai rápido, já terminamos, precisamos sair deste lugar o mais rápido possível, não achas?

ANA — Aqui está...adeus, Jú, minha irmã. Deus te tenha em seu leito. A mãe vai sentir a tua falta e eu também. Um dia nos veremos de lá do outro lado, guarda-me um lugar.

PAULA — Chi! Até parece! Estás aí a bancar-se de sentimentalista com essas suas lágrimas de crocodilo. Tu e eu nem sequer há diferenças, somos todas, farinha de milho e do mesmo saco.

ANA — Não me faz perder a cabeça. Não vou responder às tuas provocações baratas. Já foi por culpa disso que mataste a nossa irmã. Pensas que és a dona do mundo, pois não?

PAULA — Vamos, não olha mais atrás. É melhor te concentrares e não chegares com a tua cara de choramingona e despertar a atenção da mãe.

ANA — Como é que consegues ser esse tipo de pessoa? Diz-me, quero ser perfeita como tu, me podes ensinar? Quem sabe assim aprendo e depois te mato também e ficamos empatados. Não é normal alguém matar uma pessoa e não ter nem um pouco de remorso.

PAULA — Queres uma dica? Começa a fumar liamba para seres como eu, perca o teu pai querido e seja destratada para priorizarem a tua irmã e verás o que é ser demônio. —Estamos a entrar, fica quieta, ouviste? Quietinha para não estragar tudo.

MÃE — Incrível, hoje chegaram cedo, pela primeira vez, os meus parabéns, estou simplesmente impressionada. Só falta a Julieta, mas é normal, ela estará aqui dentro de segundos, acredito. — Sabem? Há uma hora tive um mau pressentimento, um pressentimento que só senti quando o vosso pai foi assassinado pelos bandidos...

PAULA — Deve ser apenas algo normal e nada mais. Os sinais nem sempre batem certo.

ANA — Será Paula? Os sinais da mãe sempre bateram certinho e tu sabes bem disso. Pelo menos sempre que a mãe disse algo semelhante, algo acontece, isso nunca falhou.

PAULA — São coisas das vossas mentes apenas. Uh! Vou para o meu quarto, com a vossa licença. Qualquer coisa, estou no meu quarto. Aliás, nem adianta me chamarem.

MÃE — Fica tranquila, minha filha mangonheira, por hoje ninguém te precisa mesmo.

ANA — Nem para comer precisaríamos de ti. Qual é mesmo a tua função aqui na terra?

A única coisa que sabes fazer é criar dores para os outros, que monstruosa.

MÃE — O que foi que ela fez dessa vez? Estás muito zangada. As tuas palavras estão carregadas de um ódio tremendo, menina.

ANA — Dessa vez nada, mãe, mas ela sempre apronta e a mãe sabe muito bem disso.

MÃE — Agora estou mesmo preocupada, onde é que se meteu essa menina? Era suposto estar já aqui. Está escuro e ela nada. Meu Deus, será que aquele pressentimento é através dela? Espero bem que não..., mas é muito estranho mesmo não ter a Julieta aqui agora.

ANA — Ela vai vir a qualquer momento, tenha calma, mãe.

MÃE — Ó Paula, vamos procurar pela tua irmã. Pega na lanterna, põe casaco. A Ana fica aqui a aprontar o jantar. Não nos demoramos, está bem?

ANA — Já voltaram? A Jú?

MÃE — Aconteceu algo com a minha filha. Perdi a minha filha.

ANA — Mãe, mãe, acorda, por favor! Paula, ajuda a levantar a mãe. Estás a ver o que causaste? Eu avisei. Se a mãe morrer, eu mesmo abro o jogo para a polícia, podes crer! Vai pedir ajuda para a levarmos ao hospital, corre, Paula.

PAULA — Está bem, é para já...

ANA — Ainda bem que já estás melhor, mãe.

MÃE — Sim, a vossa irmã não pode ter desaparecido assim do nada. Alguém a matou. Precisamos saber onde é que a colocaram. Precisamos disso urgentemente porque pode ser que ainda esteja em vida e a precisar do nosso apoio nesta altura.

PAULA —Ó maaaaaa!

MÃE — Essa é a Paula, o que se passa? Ove, vamos...

ANA — É mesmo ela. O que foi, Paula? Estás assustada, o que foi que viste agora? Fala.

PAULA — Ana é a Jú, está a me chamar. Ela disse que veio me buscar, ela quer me levar também.

MÃE — Como assim? Ó Paula, tu é que mataste a tua irmã? Só se for isso. Ove, abre os olhos, explica-me bem isso, não estou a entender. Ana, eu sei que havias ido com a Paula e ao que tudo indica, foi a Paula que matou a minha filha, então, tu também sabes onde é que ela está. Fala agora se não vais ficar maluca como a Paula.

ANA — Vou falar, mãe, vou falar mesmo tudo o que aconteceu naquele dia, mas tem de me ouvir.

MÃE — Estás à espera de quê, ham!? Não fica aí a chorar, quero saber onde é que vocês as duas puseram o corpo da minha filha, eu sei que tu sabes de tudo. Se não falares vou chamar a polícia agora e vais para a cadeia. Tu sabes que a polícia anda a procura de quem despareceu com ela. Olha para o estado da tua irmã, ela vai morrer também, depois serás tu a seguir se não falares agora.

ANA — A Paula matou a Jú, estávamos no rio e vimos a Jú a nadar, lá fomos devagar, guardamos as suas roupas e ela depois saiu para procurar pela sua roupa, então, a Paula não a quis devolver a roupa, por fim, frustrada, saí de lá, a Paula ficou e depois só ouvi gritos, quando lá fui, a Jú ameaçou-me por isso não falei nada à mãe porque ela disse que a mãe também ia falar que a ajudei a matar a Jú.

MÃE — Assim achas que não és assassina? Tu guardaste segredo de uma assassina. Vais ter que ir presa também. Meu Deus, como é que vocês foram capazes de fazer isso com a vossa própria irmã? Que ódio é esse que vos faz mesmo acabar com a vida da pobre inocente da vossa irmã? Onde está o corpo dela? — seria bom se não vos tivesse nascido. Vejam só no que me meteram agora?

ANA — O corpo da Jú está debaixo de um ramo junto aos caniços e da areia do rio.

CENA 5

POLICIAL — Minha senhora, infelizmente a sua filha Paula não está em altura de responder em tribunal porque não está bem psicologicamente, no entanto, vamos interrogar a sua filha Ana.

MÃE — Está bem, mas que seja depois da realização do funeral se é que me entendem.

ANA — Nem sei por que é que aceitei ser cúmplice da Paula. Agora estou aqui na prisão, sem oportunidade de estar no funeral da minha irmã, enquanto que ela está no manicômio. Vida injusta!

PADRE — Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém. Que a sua alma pela misericórdia de Deus descance em paz, amém. À família, Deus dê amparo, pois Ele mesmo nos dá e nos tira.

MÃE — Adeus, minha filha querida. Em breve nos voltaremos a ver lá do outro lado. Muito em breve, pois sem ti nem quero mais viver. Só Deus sabe quanto tempo mais terei que viver assim.

POLICIAL — Realmente tu és inocente pelo que contas, mas não entendo por que razão escondeste uma coisa dessas. Ela era a sua irmã, jovem. Aproveita que a tua mãe está aqui a ouvir, sabes quais as reais razões por detrás da morte da tua irmã?

ANA — Sim, senhor policial, infelizmente a culpa é da nossa mãe, somente dela, repito sem medo...

MÃE — Minha? Como assim minha? Fala a verdade, não agrava mais a situação, achas mesmo que eu mataria a minha própria filha? Wakolwa!

POLICIAL — Senhora, tenha calma, por favor, se a voltar a interromper, vou orientá-la que saia mesmo desta sala. Pode prosseguir, jovem. Disseste que a culpa é da sua mãe, certo? Como assim?

ANA — Sim, senhor policial. Digo isso porque a nossa mãe tinha preferências, preferia mais ela do que nós as duas, fazia elogios constantes, dava-lhe presentes, ou seja, as melhores coisas eram sempre para ela, enquanto para nós era sempre o resto. — Mãe, nunca notou a guerra entre nós? Sei que já, mas infelizmente sempre fingiu não ver e não ouvir nada. Quando viesse para actuar, era sempre para defender a Jú. Agora diz-me, senhor policial, como se sentiria se estivesse no nosso caso?

POLICIAL — Realmente a senhora falhou. Não pode fazer isso em frente dos filhos, pois, pode realmente gerar mortes e como já gerou. A senhora perdeu o controlo de tudo e deixou que houvesse inimigas dentro de uma mesma casa. Isso é grave demais, até nem sei como a senhora ainda está viva.

MÃE — Agora que ela diz isso, realmente tem razão, eu matei silenciosamente a minha filha, não sabia que o ódio nascia no seio das minhas filhas. Tarde demais, perdi as minhas filhas. Então, se alguém tem de ir presa, essa pessoa sou eu e não a minha filha, senhor policial. Estou pronta para tal.

POLICIAL — Não, minha senhora, aguardaremos pela recuperação da sua filha Paula para o julgamento. já a pena da sua filha Ana dependerá do parecer do juiz, mas não ficará por muitos anos ao que parece. Jovem, entende algo, o crime não compensa, nunca e nunca.

MÃE — hoje com a vida aprendi que afinal, não devemos fazer exclusão ou transparecer essa ideia entre os filhos. Devemos dar amor e educar os nossos filhos para que sejam úteis à sociedade.